

SÃO PAULO PERGUNTA

Elegia ao fotógrafo

Sr.:

"Cadê você, fotógrafo,
Sempre de câmera à mão
espreitando o fato
à procura da melhor tomada
que podia ser nada
e também grande revelação?
Cadê você, fotógrafo,
sempre de câmera à mão
andando pelas ruas da cidade
que tanto amavas
e sempre pronto para disparar
o pequeno botão
que registrava até pombos
catando clips
para ninhos improvisarem
nas sacadas da construção?
Cadê você, fotógrafo,
sempre de câmera à mão,
chapéu de feltro na cabeça,



costume impecável,
sorrisos nos lábios, balas
e chocolates nos bolsos,
que em todos os dias não partia
sem despedir-se dos irmãos da
redação?
Cadê você, fotógrafo,
sempre de câmera à mão

disposto para a luta
como soldado no front
em permanente posição?
Cadê você, fotógrafo?
Tua câmera agora chora,
sentindo a falta do teu calor,
a dedicação em
forma de amor,
e tal como o começo de poeta
que, sofrendo, arranca
de sua lavra um pequeno
conjunto de palavras
especialmente em teu louvor...
Cadê você, fotógrafo?

Essa é nossa humilde homenagem a Messias Augusto da Silva, que, tal como o poeta, não morreu, encantou-se." J. Bugre, do Grupo Poético "Vinícius de Moraes", Santo André, SP.

Sr.:

"Poeta de vanguarda,
Presente na madrugada
Nos botecos tinha por rima
A beleza feminina,
faminta de amor.
Era Vinícius. Dedilhando,
Esculpindo
A forma enclausurada,
Estampada,
Num rosto de mulher.
Agora as damas noturnas
Não verão mais seu poeta
O boteco lá da Gávea, Ipanema,
Já não vive seu Boêmio.
Será o eterno alvitre da boemia.
Seus parceiros de ouvido
têm dito. Insisto, repito.
Você não passou, Você se deixou
Numa imensa saudade
Amargo desatino
Será longo tempo vivido
A morena de cintura pequenina

Ausência de Vinícius



Não mais o verã
O véu da solidão cobrirá amigos
Amigos Novos
Novos, antigos
Será tudo um só pranto
A loura do entardecer,
A mulata bronzeada,
A luz do amanhecer, nada
Mais você verá.
Mas sua ausência ficará,
Quanto às crianças, Vinícius...

São as que mais sentirão
Essas o têm no coração.
Ah! Vinícius!
Tantas foram as vezes
De retorno à infância,
Num abraço de criança.
Mas foi na calada madrugada
Onde se compunha canção
Pra menina
Que a vida deixou
de ser engraçada
Pois, fora assim trilhada
Sem poder ser renovada.
Mas, pude aprender
Com você, Vinícius,
Que o homem nasce, cresce,
Morre e então
Não se vive se a uma mulher
Nunca se deu."

Talvez não seja um poema, mas é uma pequena homenagem póstuma ao grande poeta brasileiro." José Roberto de Souza, Santos, SP.

JORNAL DA TARDE SP.

8 / 8 / 80

Uma nova
homenagem
em
memória de
Vinicius
de Moraes,
feita por
outro poeta:
Paulo Bonfim.



A Vinicius de Moraes

*Da vida esta aventura sem ventura,
Parte o cantor legando-nos seu canto,
E a morte surge como surge o pranto
Na face da paixão que inda perdura.*

*E do silêncio que se faz ternura,
E da alegria que se faz espanto,
A rua desmanhada no acalanto
E o verso-estrela numa noite escura.*

*Parte ficando em tudo quanto amou,
Nos gestos que sangrou de veia aberta
E na canção dos corpos que habitou.*

*E aquele que do amor fez sua vida,
Conquista na paixão que lhe desperta
A morte essa mulher desconhecida.*

SERVIÇO

A POESIA É NECESSÁRIA TAMBÉM NOS PALCOS

Mara Caballero

Há uma inegável crise de autores teatrais no Brasil. Uma das alternativas para superar essa dificuldade talvez esteja na possibilidade de fazer dos poetas os dramaturgos desses tempos de escassez. Em cartaz no Rio estão dois espetáculos que do teatro falam de poesia: Poema Sujo (Sala Sidney Miller) e Trilhas & Armadilhas (Teatro Ginástico).

"TRILHAS & ARMADILHAS"

CARLOS Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, Manuel Bandeira, Ferreira Gullar, Alberto Land, entre outros, foram a fonte de inspiração para a montagem de *Trilhas & Armadilhas*, em cartaz há uma semana e com apresentações de terça a sexta, às 18h30m, no Teatro Ginástico. Mais uma peça baseada em poemas. Ítalo Rossi observa que a poesia tem um conteúdo dramático surpreendentemente atualizado, mas esse não foi o único motivo da escolha. Para Rossi, nos últimos 10, 15 anos, muito pouca coisa apareceu na dramaturgia nacional:

— Se existem autores nacionais, além dos conhecidos, eles se escondem, se castram, não se mostram. As vezes recebo algumas peças para ler, mas geralmente são muito ruins. No entanto, ninguém volta para conversar. E eu estou sempre à disposição. Quais são os nossos dramaturgos? Nelson Rodrigues, Plínio Marcos, Oduvaldo Vianna Filho, Gianfrancesco Guarnieri. Há mais de 20 anos. Acho que eles estão um pouco gastos, talvez.

Ítalo Rossi está pensando inclusive em promover na sua companhia um concurso de peças teatrais, para montar a primeira colocada e oferecer outras duas a outras companhias: "a maior realização para um autor é ser montado, não adianta ganhar Cr\$ 1 milhão".

Ítalo Rossi, ainda falando da escolha de poemas, lembra que "a poesia tem uma linguagem teatral que muitas vezes escapa ao leitor".

— É importante tirar a poesia das estantes e mostrá-la viva, atuante e com toda a carga que um ator de teatro tem

para dar e hoje pode ser uma das mais válidas formas de trabalho.

Walter Marins, diretor do espetáculo, acrescenta ainda que a poesia é uma das mais fortes manifestações de literatura brasileira contemporânea.

Yara Amaral observa que quando o poeta escreve não tem obrigação de ser encenado ou censurado:

— Portanto ele não se castra, não tem um compromisso que o autor teatral tem. O autor teatral então já nasce morto. Além disso, o dramaturgo brasileiro não teve como se exercitar nos últimos quinze anos. Cada vez mais o empresário, o produtor de uma peça não quer arriscar-se e só investem em peças que têm os condicionamentos do consumo: as peças digestivas que muitas vezes gastam menos na sua produção do que na publicidade feita na televisão.

Walter Marins ressalta que o autor teatral foi dos mais censurados nos últimos anos. Desincentivados, a abertura pegou-os desprevenidos:

— As pessoas não estavam preparadas para escrever sobre ela e é natural. Foi muito como o que ocorreu com Portugal, depois de 50 anos de ditadura.

Utilizar poemas ao invés de textos teatrais, tem ainda uma outra vantagem, de acordo com Yara Amaral. Empresarialmente, pode-se gastar menos dinheiro — investiu-se em *Trilhas & Armadilhas* Cr\$ 300 mil, enquanto numa montagem de um texto teatral, segundo ela, não se gasta menos de Cr\$ 1 milhão, principalmente com atores profissionais. A única diferença é que nesta peça Ítalo e Yara nada recebem. Mesmo assim, Walter Marins não acredita que haja retorno.

Ítalo Rossi se não diz que este seja o caminho, afirma ser "um dos caminhos", que inclusive pode ser muito bem sucedido, como ele teve oportunidade de constatar há dois anos quando dirigiu *Cantares*, também baseado em poemas, mas de uma forma mais didática, com uma pequena biografia dos poetas.

Excursionando durante cinco meses pelo interior de São Paulo, Ítalo, que já tivera uma experiência com poesia em teatro pois foi um dos fundadores dos Jograis em São Paulo, recebia constantes telefonemas dos atores dizendo que a receptividade do público era ótima, inclusive, pedindo para alongar um pouco mais o programa que durava 1h10m. Também de curta duração é este *Trilhas & Armadilhas*, que no entanto não tem o sentido didático de *Cantares*. Não é também um recital de poesia, mas uma maneira teatral de dizer poesia.

De acordo com a atriz Yara Amaral, buscou-se uma relação entre os dois atores, os poemas seguindo-se um ao outro, com um certo sentido:

— No poema *América* de Drummond, Ítalo é o poeta, eu a América. Ao entrar na poesia que retrata o cotidiano, ele é o homem, eu sou a mulher e assim por diante.



Os versos do *Poema Sujo* na dramatização de Rubem Correa e Esther de Góes

Yara Amaral e Ítalo Rossi em confronto em *Trilhas & Armadilhas*

"POEMA SUJO"

A montagem numa peça teatral do *Poema Sujo*, de Ferreira Gullar, que estreou na última quarta-feira na Sala Funarte não é de muito se estranhar. Desde o início, trilhou caminhos inesperados para um poema. Escrito durante o exílio de Gullar em Buenos Aires, em 1975, a primeira vez que foi apresentado a alguém não foi da forma clássica, um texto lido em silêncio. Mas foi lido em voz alta pelo próprio Gullar numa reunião de amigos na qual estava Vinícius de Moraes. Este, empolgado pelo poema, encareceu-se de promover uma gravação no dia seguinte mesmo, pois estava de partida. Já no Rio, Vinícius multiplicou as fitas e assim muitos tomaram conhecimento do poema, inclusive o editor Enio Silveira. Editado, alcançou inéditas cinco edições em apenas três anos (uma delas no Circuito do Livro) e vendeu 30 mil exemplares.

Para Gullar, também um poema muito especial, sem dúvida o mais importante, "de 100 páginas que escrevi de um fôlego só". Outros poemas seus (ele publicou quatro livros de poesia antes) chegavam no máximo a 12 páginas. Não é essa a única diferença: o poema, se-

gundo Gullar, estabeleceu uma ruptura na sua experiência prática "que é cheia de rupturas".

— Foi uma aproximação maior da poesia com a realidade cotidiana. O objetivo da minha poesia — e foi aí que eu mais me aproximei disso — é refletir o mundo real com sua riqueza, complexidade, contradição e beleza. Não quero uma poesia de anjo, de uma beleza que pare acima das pessoas, mas uma poesia das pessoas. Talvez seja isso que explique tanto interesse pelo *Poema Sujo*.

Quanto a ser encenado agora, Gullar acredita que essa escolha, da mesma forma que outros poemas servem de base a *Trilhas & Armadilhas*, é uma tendência e também uma coincidência:

— Há hoje uma abertura muito grande no teatro para experiências com textos não teatrais. Um exemplo é o teatro de Boal, onde o texto é quase um pretexto. O autor e o diretor podem sair dos limites do declamado. Não acredito que seja uma flauta de textos nacionais, pois há uma nova geração produzindo, mas é o teatro na busca de novas expressões e experiências com a linguagem teatral. Com um texto não teatral, a invenção cênica é mais aberta, solicitando um maior exercício de imaginação.

Rubens Correa que trabalha na peça (os outros atores são Esther Góes e Alexandre Salles) diz que há muito pensava em fazer alguma coisa com poemas, por um fascínio e pela facilidade que o poema oferece ao ator como linguagem. Em 1953, estudou com o professor Martinho Severo empostação de voz através de poetas:

— Apaixonei-me pela facilidade da poesia falada e estava pensando em fazer alguma coisa sobre Fernando Pessoa quando surgiu essa oportunidade. Foi muito melhor — não comparando qualidades — mas porque Gullar tem muito mais a ver com a gente agora.

Quanto à utilização de poemas no teatro, Rubens acredita que seja a procura de uma linguagem nova, "a loucura de querer sair da forma italiana".

— É também a procura da forma sem diálogo, do texto de som e imagens. É uma sinfonia. As vezes tenho a impressão exata de tocar um concerto e não representar.

Hugo Xavier, 25 anos, diretor do espetáculo, diz que montar *Poema Sujo* foi a possibilidade de fazer poesia e não recital. Para ele, o poema tem um personagem com contradições e isso é teatro, "é a história de um homem contada através da poesia".

— É o poeta no seu quarto de exílio

criando. Surge então sua alma (a figura feminina, Esther de Góes) que conduz, detona e media o poeta no seu universo, que o coloca em xeque e o questiona. É uma viagem através do tempo.

O ator Alexandre Salles, de acordo com o diretor, traz a mensagem do poeta e adolescente. Alaíde Costa interpreta as músicas de Milton Nascimento e Wagner Tiso e o cenário, de acordo com Hugo, é econômico, "não no sentido da pobreza, mas na sua própria concepção, como a própria palavra poética, só o essencial".

Hugo Xavier teve uma experiência anterior com o *Poema Sujo*, quando o grupo Luz Acesa do qual fazia parte, encenou o poema em São Luís do Maranhão, cidade natal de Gullar. Lá, a receptividade foi boa, "embora muitos achassem que não tinha um tom regional". Em Niterói, onde também se apresentaram, a reação, segundo Hugo, foi boa, embora muitos se assustassem pelo fato de ser poesia.

— Mas agora procurei não repetir a montagem. A mudança principal foi a minha como pessoa. Como já se disse, se a poesia não servir para modificar o leitor, modifica pelo menos o próprio poeta. E eu mudei, encarei o texto que tanto li de outra forma. Mas o roteiro básico foi o mesmo.

Foto de Aquinaldo Ramos

Foto de Cynthia Brito

Zózimo



Corinne Cléry, a bonita intérprete de *Histoire d'O*, volta às telas, agora como atriz principal de *Odio le Bionde*

Burocracia

- Um brasileiro residente no exterior, não tendo, portanto, registro no Cadastro Geral de Contribuintes, desembarcou há dias no aeroporto do Rio e dirigiu-se ao guichê do Banco do Brasil para trocar alguns dólares.
- O funcionário desculpou-se mas explicou que, sendo brasileiro como mostrava seu passaporte, a troca só podia ser efetuada se o viajante exibisse seu cartão de CPF.
- De nada adiantou ao turista querer cumprir a lei. O funcionário do banco foi irredutível:
 - Câmbio para brasileiro só com o CPF.
- O cidadão não se deu por achado. Trocou os dólares a menos de dois passos do guichê com o carregador de malas.
- E com um câmbio, diga-se de passagem, bem mais generoso que o oficial.

“DA PESADA”

- O programa em cartaz no cine Roxy esta semana é o que se pode chamar da pesada.
- Tanto o trailer de uma pornochanchada nacional como o curtametragem que antecede o filme principal conseguem constringer, pela grosseria e vulgaridade, mesmo os espíritos mais abertos e liberais.
- Comparado ao aperitivo, o prato principal, *Mulher Nota 10*, fica parecendo *As Reinações de Narizinho*.

Em alta

- Se há no mercado de produtos de consumo um setor em alta, ele é seguramente o dos aparelhos de som: este ano no Brasil já se registrou a quebra da marca do bilhão de dólares, uma cifra respeitável para qualquer setor da economia.
- No mercado externo, as vendas brasileiras de equipamentos de som também não foram modestas: superaram os 20 milhões de dólares.

Dois pratos

- O mais longo encontro do Deputado Uwe Holtz, emissário do Partido Social Democrata alemão, com um líder político brasileiro foi o que reuniu com o Sr Leonel Brizola, durante um jantar, que tinha como testemunha o ex-Deputado Bocayuwa Cunha.
- Longo, sobretudo, pela natureza dos pratos degustados, o político e o alimentador — uma fondue bourguignonne.

Lei do cão

- Há na Cidade, circulando clandestinamente, alguns táxis que cobram corridas por tabelas falsificadas — para mais, naturalmente.
- Eles que se cuidem, pois já está em ação uma equipe de fiscais parando os carros na rua e verificando se as tabelas de preços corrigidos é a autêntica.
- O uso de qualquer outra que não seja a distribuída pelo sindicato da classe implicará a apreensão imediata dos táxis e seu desemplicamento sumário.

RODA-VIVA

- Chega amanhã ao Rio para uma temporada de férias o Embaixador do Brasil em Paris, Gonzaga do Nascimento Silva, que já na segunda-feira, com Vilma, será homenageado com um jantar pelo professor e Sra Flexa Ribeiro.
- A Sra Ivete Vargas vai à noite do Rio: na segunda-feira tem um encontro político no Club 21.
- A Sra Josefina Jordan reúne hoje um grupo de amigos para jantar em petit comité.
- O vice da Mauro Salles, Paulo Roberto Lavrille de Carvalho, é o novo presidente do Sindicato das Agências de Propaganda do Rio de Janeiro.
- A Sra Mariazinha Guinle foi ontem anfitriã de um almoço que reuniu no Copa 18 mulheres em torno da Embaixatriz Vilma do Nascimento Silva
- Chegando a Porto Alegre o ex-Presidente do Chile, Eduardo Frei. Participa do Seminário de Canela e depois vai a Brasília rever seu amigo, Senador Luis Vianna Filho.
- Voou para Manaus o Sr Augusto Marzagão.
- Tusca e Albino Brentar comunicando aos amigos o nascimento de sua filha, Daniela Frederica.
- Entre as preciosidades reunidas pelo marchand Fernando Carlos de Andrade para seu próximo leilão, nos primeiros dias de setembro, no Caesar Park, estão dois Fachinetti pertencentes ao acervo do Embaixador e Sra Afrânio de Mello Franco.
- O cardápio tenístico servido anteontem no Clube dos Macacos a um grupo de convidados tinha primeiro e segundo pratos: começava com um filme sobre o campeonato de 75 de Wimbledon, e narração de Peter Ustinov (pavorosamente dublado em espanhol), e terminava com o jogo, antológico, entre Rod Laver e Ken Rosewall pela final do WCT de 72. Rosewall, então já com 37 anos, ganha no quinto set no tie-breaker.
- Eduardo de Sued comunicando que seu jornal Clarín, por enquanto distribuído em universidades, irá este mês (nº 3) para as bancas.

Na hora certa

- Um turista carioca de volta de vilegiatura em terras européias pisou o solo do Rio exatamente um mês depois de ter partido e constatou que a rua onde morava não existe mais (agora chama-se Vinicius de Moraes), a rua onde funciona seu escritório mudou de mão e como se não bastasse, ainda encontrou pela frente o Estatuto dos Estrangeiros, a reforma do reajuste salarial e a proposta de mudança da língua portuguesa.
- Se demorasse mais uma semana de férias, corria o sério risco de não encontrar mais o país.

Festival de música

- A partir de hoje e até domingo o Rio passa a viver em clima de festival — festival de música — que se abre hoje com a apresentação do Judas Macabeus, de Haendel, pelo Coro e Orquestra do Teatro Municipal.
- Amanhã, à tarde, será a vez da Orquestra Sinfônica Brasileira, que se apresenta no Teatro Municipal com os irmãos Romero (violonistas), antecedendo o clima do festival — o concerto à noite da Filarmônica de Israel com Zubin Mehta.
- E no domingo, de quebra, haverá, ainda, às 10h, uma nova apresentação do Judas Macabeus, restabelecendo a moda dos concertos matinais, terminando tudo à noite com a apresentação na Sala Cecília Meireles da Orquestra de Câmara da Rádio MEC.

Desafio

- Embora ainda a caminho, pois só está sendo esperado no Rio dia 23, para uma permanência de uma semana, o chef Paul Bocuse lançou um desafio à Confraria dos Gastrônomos: propõe-se a fazer para seus membros o maior e melhor regafofe da história da Ordem do Tatu.
- A Confraria, cujo próximo almoço, dia 29, tem na organização o Sr Carlos Roberto de Aguiar Moreira, aceitou em princípio o repto e deverá reformular sua programação, que fixava para a reunião um outro local.

* * *

- O duelo entre o talento de Bocuse e o apetite dos confrades já está sendo chamado de “a luta do século”.

QI

- Consta em Brasília, naturalmente divulgado por pessoas prejudicadas, que, depois do decreto presidencial proibindo novas contratações para o serviço público, as nomeações em caráter excepcional só são concretizadas nos altos escalões de acordo com o QI do candidato.
- Por QI entenda-se não o quociente intelectual, mas quem indicou.
- E funciona.

JORNAL DO BRASIL

08/08/80

Nomes

Desapareceu mais uma placa com o nome de Vinicius de Moraes, na antiga Rua Montenegro. É o vandalismo anti-poético, que explode onde não houve bom senso.

Quando Moreira Cesar foi morto em Canudos, os foguetes espocaram em Florianópolis; lá, dois anos antes, ele havia comandado o massacre da população, sob inspiração de Floriano Peixoto. Mas, no Rio, a República resolveu homenageá-lo, dando seu nome à Rua do Ouvidor. Como a História demonstrou, a homenagem não pegou.



Baby: nunca ela foi tão ouvida como agora.



Fagner: quem aguenta até o fim seu "Noturno"?

Música de novela, 24 horas por dia no ar

DIRCEU SOARES

As músicas escolhidas para as novelas da TV Globo têm sido, ultimamente, quase só sucessos já bastante tocados nas rádios, ao contrário do que ocorria anos atrás, quando eram estas trilhas sonoras que, muitas vezes, criavam os "hits" a partir de faixas não tão divulgadas anteriormente pelas suas gravadoras de origem. Além disso, estas músicas são colocadas em LPs pela Som Livre, do mesmo grupo da Globo, que vendem quase um milhão de cópias, divididas em duas edições, uma com as nacionais e outra com as internacionais. Como uma coisa puxa outra, as rádios de todo o País passam a tocá-las mais e mais, durante o dia inteiro. Isto, somado ao que as pessoas já ouvem na televisão no horário das seis às nove da noite (sem contar as "chamadas" que entram a toda hora), provocam uma saturação até irritante porque, por melhor que seja um câção, é impossível alguém continuar gostando dela depois de ouvi-la 24 horas por dia durante seis meses seguidos.

Se por um lado a divulgação em grande escala é boa para o artista que a interpreta (nunca se ouviu tanto Baby Consuelo como agora), por outro vem a exaustão, o cansaço do ouvinte que, aborrecido, poderá não querer saber mais de escutá-lo por um longo período. Quem não se lembra do enorme sucesso de Ednardo com sua música "Pavão Misterioso", abertura da novela "Saramandaia"? Pois bem, ficou naquilo.

Quando a câção é suave, como foi o caso da lind composição "Menino do Rio", de Caetano Veloso, na voz agradável de Baby Consuelo em "Água Viva", a saturação demorou algum tempo para acontecer mas acabou acontecendo. Quando a câção é agressiva (ou, pelo menos, é assim que ele é interpretada por Fagner), como essa "Noturno", de Graco e Caio Sílvia, escolhida para abrir a próxima novela das oito, "Coração Alado", a saturação pode começar muito antes do que se pensa. Há quase um mês, a Globo iniciou a apresentação das "chamadas" desta nova novela de Janet Clair utilizando-se desta música como fundo. O resultado é que a novela nem começou e já há pessoas se queixando de que não aguentam mais ouvir a sua abertura. E ficam logo imaginando o quanto vai ser duro suportá-la durante os próximos seis meses.

Mas, a julgar pelas últimas "chamadas" de "Coração Alado", a própria emissora já percebeu isso. Ao invés do gritado "Noturno", tem preferido tocar outros temas também escolhidos para a novela, como "Meu Bem Querer", de Djavan, ou "Pontos de Interrogação", de Gonzaguinha, cantadas por eles mesmos.

Outro problema com os chamados temas

musicais das novelas é que quase nunca têm algo a ver com as histórias ou com os personagens. Em "Menino do Rio", por exemplo, Caetano mostra o garoto carioca de modo tão poético quanto a garota de Ipanema foi descrita por Jobim e Vinícius. No entanto, abriu uma novela que falava apenas de fofocas e crimes da alta sociedade do Rio, além de mostrar, na abertura, algumas cenas "en passant" de windsurf.

Assim, volta-se a bater na velha tecla: o certo seria a TV Globo cuidar de contratar compositores e intérpretes para que produzissem e gravassem temas especialmente para as suas novelas, coisa que, aliás, já fez algumas vezes no passado. Por que não? Recentemente, ela mesma providenciou câções exclusivas para as aberturas de suas séries e deu bom resultado. "Começar de Novo", de Ivan Lins e Vitor Martins, ficou perfeita para "Malu Mulher". Com isso, ganhariam as novelas em criatividade (o cinema norte-americano que o diga); ganhariam os compositores e intérpretes, com mais um espaço aberto; e lucrariam também os telespectadores, sempre com algo novo para ouvir.



Djavan: uma alternativa em "Coração Alado".



Sua obra vai ser cantada por ele e pelos amigos.

Chico estrela, num filme sobre sua vida

Pela primeira vez o compositor Chico Buarque de Holanda trabalha num filme, (anteriormente, participou de "Quando o Carnaval Chegar", de Cacá Diegues) como protagonista. Trata-se de "Certas Palavras com Chico Buarque", uma biografia do artista realizada pelo cineasta Maurício Beru, que tem também a participação, em números musicais ou depoimentos de Caetano Veloso, Maria Bethânia, Vinicius de Moraes (sua última filmagem em vida), Toquinho, Francis Hime, Ruy Guerra, Miúcha e Sérgio Buarque de Holanda.

O longa-metragem, que já está pronto para estrear nas principais capitais brasileiras, tem locações em São Paulo, Embu e Rio de Janeiro, na própria casa de Chico, na casa de seu pai Sérgio Buarque de Holanda e nos estúdios de sua gravadora, a Phillips. "Certas Palavras com Chico Buarque" tem também a participação dos familiares do compositor.

Maurício Beru, ao realizar o filme, teve a intenção não só de familiarizar o público, que de uma forma ou outra não teve acesso à sua obra, mas também expor aspectos de sua vida pessoal, na voz do próprio Chico. Quanto aos amigos cantores, estes aparecem cantando em cenários urbanos de São Paulo e do Rio, em tomadas que mostram a população, um pouco do Carnaval e entrevistas com transeuntes falando de Chico.

A obra musical do compositor paulista vai estar representada em cerca de vinte músicas, cantadas por ele e Caetano, Bethânia, Vinicius, Cida Moreira, Toquinho e Francis Hime: "Pedro Pedreiro", "A Banda", "Olê Olá", "Fado Tropical", "Cálice", "Pequena Serenata Diurna", "Meus Caros Amigos", "O Que Será", e outras.

Maurício Beru escolheu Chico para este filme exatamente por destacá-lo como a figura mais brilhante no âmbito musical e teatral brasileiro, nos últimos tempos.

Seresta fascina o tenor Paulo Fortes

O famoso tenor Paulo Fortes está em São Paulo, onde participou ontem do show promovido pela Prefeitura na Praça da Sé. Depois de ser "absorvido pela Ópera", e atuar como diretor, produtor e ator, na televisão e no teatro, num trabalho de 20 anos de carreira, está fascinado com a vendagem de seu LP "Ternas e Eternas Serestas", lançado pela WEA e produzido por Sérgio Cabral.

O sucesso que Paulo fez no Museu do Primeiro Reinado, no bairro de São Cristóvão, no Rio, foi tão grande, que seu empresário está encontrando dificuldades para organizar as datas dos seus shows que serão apresentados na Bahia, Paraná, Brasília, Minas e outros Estados. Trabalho é que não falta, pois seu segundo disco está sendo planejado, e em setembro começará a ser gravado.

Para Paulo, foi uma surpresa esse seu novo disco, pois cantou seresta a vida inteira, mas entre quatro paredes. "Canto seresta desde o início da minha carreira. Sempre cantei para músicos, porque não tinha chance de mostrar meu trabalho", explicou o seresteiro.

Quando terminou de estudar canto, gravou "Granada", de Agustín Lara e "Lolita", de Buzzi-Puccio. Segundo ele, esse disco abriu as portas do rádio. Só que ele queria cantar música brasileira, e não o deixavam. "Deixavam que eu cantasse somente músicas italianas."

Sua versatilidade é impressionante. Foi diretor, produtor, e ator em alguns programas nas televisões Tupi e Globo. No cinema fez nove filmes. Agora, no teatro, fez todos os gêneros. Por exemplo, no Teatro João Caetano, no Rio, atuou com Bibi Ferreira na peça "Alô-Dolly", que ficou em cartaz seis meses. Depois de todas essas experiências, um novo caminho que ele tanto sonhava se abriu — a música popular brasileira.

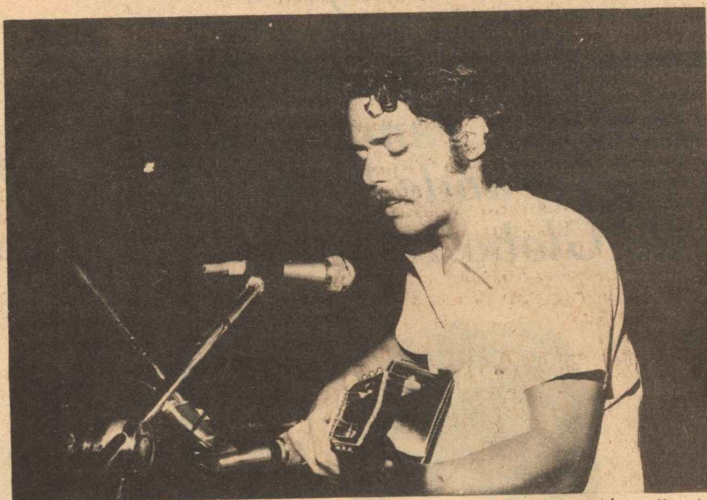


"Só me deixavam cantar músicas italianas".

TV

ELI HALFOUN

EM OUTRAS ÁREAS



Chico Buarque de Hollanda

Vida e obras de Chico no cinema

↳ Dentro de dois meses será lançado um filme sobre vida e obras de Chico Buarque de Hollanda. O filme - **Certas Palavras** - é dirigido pelo argentino Maurício Beru e tem cenas rodadas no Rio e em São Paulo. **Certas Palavras**, um longa-metragem a cores, reúne 20 músicas de Chico Buarque, além de depoimentos do próprio Chico e da participação especial de Caetano Veloso, Bethânia, Toquinho, Francis Hime, Ruy Guerra, Miúcha, Sérgio Buarque de Hollanda e Vinícius de Moraes. Trata-se também da última aparição de Vinícius no cinema.

Samba de 1ª e Ponto de Encontro

↳ Aérton e Jorge Perlingeiro estão estreando na Rádio Capital. Jorge Perlingeiro apresenta, todos os sábados, de meia-noite às 4 horas da manhã, o programa **Samba de Primeira**, convidando cantores da MPB. No programa de estréia, no último dia 5, estiveram presentes Jair Rodrigues, Lilian, Elen de Lima, entre outros. Aérton Perlingeiro fará também, todos os sába-

dos, uma réplica de seu **Almoço com as Estrelas**, apresentado na TV Tupi-Rio, de 8h30m da manhã às 13 horas. O programa se intitula **Ponto de Encontro** e, a cada sábado, Aérton reunirá amigos num restaurante diferente.

Água Viva em sábado especial

↳ Henrique Valadão promove, no programa **Sábado Especial**, das 15 às 19 horas, pela Rádio de Petrópolis (1550 khz) e Rádio Teresópolis (1550 khz), emissoras do Sistema Globo de Rádio, uma festa de encerramento da novela **Água Viva**, no dia do último capítulo da novela (dia 9 deste mês). Durante o programa serão feitas pesquisas telefônicas e externas, com oito repórteres espalhados por ruas de Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, Rio, Niterói, Baixada Fluminense e Região do Vale do Paraíba, colhendo opiniões dos ouvintes sobre o que aguardam do final da história e, entre outras atrações, entrevistas exclusivas com todo o elenco de **Água Viva**. Estarão presentes ainda o autor da novela, Gilberto Braga, fazendo um balanço completo de **Água Viva**, além de Baby Consuelo cantando e falando do sucesso do tema central **Menino do Rio**.

V. de Moraes

FIM DE TARDE

OPÇÃO CULTURAL
EM CAMPO GRANDE

Jards Macalé: a primeira atração

Fim de Tarde é o projeto cultural que se instala em Campo Grande, mais precisamente no Teatro Artur Azevedo, no consagrado horário das Seis e Meia. Através da música brasileira, pretende dar uma opção aos moradores de um bairro afastado e desprovido de atividades do gênero. Jards Macalé foi o artista convidado para inaugurar o Fim de Tarde, com o **show Com Muito Prazer**, em cartaz sábado e domingo.

No final de semana seguinte, é a vez de Zezé Gonzaga e Manuel da Conceição que precedem a apresentação do Conjunto Época de Ouro (dias 23 e 24) e de Weber Werneck (dias 30 e 31). O projeto tem prazo inicial de duração de três meses e é coordenado por Yeda Pinheiro e Sérgio Coelho Filho. A idéia surgiu do **show** de homenagem póstuma ao compositor Valzinho, no mesmo teatro, às três da tarde e que foi um sucesso de público. Otimista, Yedda está certa que o projeto interessará a vários artistas e conclui:

— Se eles vão fazer **show** em Recife, Fortaleza, Porto Alegre e outros lugares, porque não haveriam de vir até Campo Grande que é muito mais perto?

No repertório do **show** de Macalé (que teve uma boa acolhida de público no Carlos Gomes, há poucas semanas), músicas antigas de sua autoria como **Movimento dos Barcos** (com Capinam), **Hotel das Estrelas** (com Duda), **Rua Real Grandeza** (com Waly Salomão), músicas de autores consagrados como Tom Jobim (**Samba do Avião**, **Wave**) e Vinícius (**Felicidade**), Lupiscínio Rodrigues (**Dona Divergência**), Pixinguinha e João de Barro (**Carinhoso**), Geraldo Pereira (**Cabrita da Mal-Sucedida**) e Gordurinha e Nascimento Gomes (**Orara Analfabeta**). Ao lado destas, novas composições em parceria com Abel Silva (**Vício do Fogo**), Fausto Nilo (**De Onde as Aves Vão**), Moreira da Silva (**Tira os Óculos e Recolhe o Homem**), outra com Bertold Brecht (**O Melhor Lugar do Mundo**) e por aí afora. O **show** tem participação especial de Coralina. Os ingressos, preço único de Cr\$ 100.

10/08/80

MOSAICO

• Em 14.^a edição, pela Companhia Editora Nacional, **História da Educação**, de Paul Monroe, em nova tradução e com notas de Idel Becker, professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie. É o volume 34 da coleção Atualidades Pedagógicas, dirigida por J.B. Damasco Penna. Vem com um estudo introdutório feito pelo professor Henry Suzzallo sobre o autor de **A Brief Course in the History of Education**, título de origem, recordando que no Teachers College da Universidade de Columbia, Nova Iorque, enquanto preparava os futuros administradores escolares e pensadores educacionais o professor Paul Monroe escrevia, também, suas obras. Assim, publicou: em 1901, **Source Book in the History of Education for the Greek and Roman Period**; em 1904, **Thomas Platter and the Educational Renaissance of the Sixteenth Century**; em 1905, **Text-Book in the History of Education**; e, em 1907, a obra que volta agora em língua portuguesa. Em **História da Educação**, Paul Monroe parte das "cerimônias de iniciação", do animismo como característica fundamental da vida primitiva, para

chegar a um "estádio superior" com os professores formando uma classe social e, sucessivamente, aos diversos estádios do desenvolvimento educacional, dividido este seu livro em 13 capítulos. Passamos, deste modo, pela Educação oriental, tendo a China como padrão; pela liberal, com os gregos; a Educação como treino para a vida prática, com os romanos; a Educação como disciplina, na Idade Média; o Renascimento e a Educação humanista; a Reforma, a Contra-Reforma e o conceito religioso de Educação; o Realismo e tendências subsequentes, com John Locke, Rousseau e outros pensadores, até a tendência eclética. A Educação concebida por Pestalozzi é explicada por Monroe como sendo "apenas o desenvolvimento orgânico do indivíduo - mental, moral e físico. Este desenvolvimento se verifica em cada uma destas fases através das atividades iniciadas espontaneamente. Estas atividades levam ao crescimento que obedece às linhas predeterminadas pela natureza da criança. Tal desenvolvimento não se faz pelas formas estabelecidas pelo costume. Para citar a definição, em sua forma mais tradicional, a educação é o desenvolvimento natural, progressivo e harmonioso de todos os poderes e faculdades do ser humano". Em outras palavras, é quando o homem não faz com que a máquina faça tudo aquilo que ele mesmo pode fazer, e melhor que ela. Exemplo disto foi dado pelo **painel humano** da abertura e encerramento das Olimpíadas de Moscou.

• As laureas "O melhor para a Criança" e "O melhor para o Jovem", da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, referentes ao ano de 1979, foram atribuídas a **Raul da Ferrugem Azul**, de Ana Maria Machado, ilustrado por Patricia Gwinner e editado pela Salamandra, e **Uma Idéia Toda Azul**, de Marina Colasanti, texto e ilustração, em edição da Nórdica. A Comissão Julgadora considerou, ainda, "altamente recomendáveis": para crianças - **Viviam como Gato e Cachorro**, de Elvira Vigna,

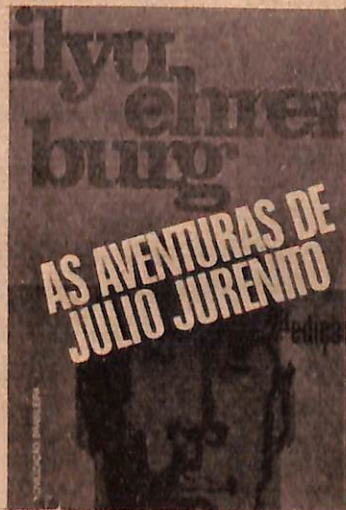
Editora José Olympio; **O Menino Pedro e seu Bol Voador**, Ana Maria Machado, Paz e Terra; **Onde tem Bruxa tem Fada**, Bartolomeu Campos Queiroz, edição Vega, e **Chapeuzinho Amarelo**, Chico Buarque de Hollanda. Para jovens - **Corda Bamba**, de Lygia Bojunga Nunes, Civilização Brasileira.

• Esperado um novo livro de Fernando Gabeira pela Editora Codecri: **O Crepúsculo do Macho**. Já em 13.^a edição **O Que é Isso, Companheiro?**

• Algumas reedições da Editora José Olympio: **Terra dos Homens**, Saint Exupéry; **Morte da Porta-Estandarte e Tatá, a Garota**, de Aníbal Machado; **Proezas do Menino Jesus**, Luís Jardim; **As Três Marias**, Rachel de Queiroz; **A Arca de Noé**, Vinícius de Moraes.

• A **Civilização Brasileira** reedita, de Ilya Ehrenburg, **As Aventuras de Julio Jurenito**. O autor nasceu em Kiev, em 1891, de pais judeus, e morreu em 1967, em Moscou. Nas orelhas desse lançamento, Ênio Silveira apresenta Ilya como tendo mantido ao longo de sua vida "uma atitude intelectual em que humor e ironia, compaixão e lucidez, esperança e melancolia se combinaram sempre para unir o homem e o escritor num todo bastante homogêneo na essência, embora aparentemente contraditório na superfície". É do autor de **As Aventuras de Julio Jurenito** a frase que ficou famosa: "Socializem o mundo inteiro, menos Paris".

• A **Revista Forense** está em seu volume n.º 266, com mais de 75 anos de circulação. Saiu também o vol. 26 da **Revista de Direito Penal** com um estudo de Nilo Batista sobre aspectos jurídico-penais da Anistia e um outro, de Everardo da Cunha Luna, sobre a teoria finalista da ação, entre outras matérias bastante oportunas como a assinada por Augusto Thompson, que faz um "exame crítico-criminológico do trabalho da Funabem



com menores infratores. Em 1.^a edição, a Editora Forense publica **Direito Processual Civil** (Processo Cautelar, Procedimentos Especiais) de José Ribeiro Leitão. Abrange os cinco livros do Código de Processo Civil e um apêndice contendo "alguns procedimentos extravagantes de uso mais frequente no foro".

• Cartas recebidas: da escritora Nair Gai, do professor universitário carioca Vanderlei Ramos de Moraes, do Secretário de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, Arnaldo Niskier, autor de **O Homem é a Meta**, Também da Livraria Sapiens, de Niterói, e de Aparecida Barbosa, um dos organizadores da Cooperativa de Literatura dos Artistas Independentes na Cidade. O professor Vanderlei Ramos de Moraes, historiador e estudioso da Antropologia, está para publicar em livro um dos seus trabalhos de pesquisa.

Correspondência - Para Fernando Gonçalves, O FLUMINENSE, Rua Visc. de Itaboraí, 184, Niterói-RJ, 24030.

paul monroe

história da educação

AS TRILHAS SONORAS, DO SUCESSO AO DESGASTE

” **A** I, coração alado desfolharei meus olhos neste escuro véu. Não acredito mais no fogo ingênuo da paixão, são tantas ilusões perdidas na lembrança. Nesta estrada só quem pode me seguir sou eu, sou eu.”

Durante sete meses, duração normal da novela das oito, na Globo, os espectadores ouvirão diariamente a melodia e os versos de **Noturno**, dos novatos Graco e Caio Silvio, interpretados na voz de Raimundo Fagner, que, antes mesmo de entrar em uma trilha sonora de novela, já havia ultrapassado a faixa dos 200 mil LPs vendidos.

Noturno é o novo carro-chefe da gravadora Som Livre, que estará lançando no mercado, nesta semana, as 14 músicas que compõem a trilha sonora da novela de Janete Clair, de vendagem calculada em mais de 200 mil discos, pouco, se comparado à trilha internacional do horário, que costuma vender mais de 700 mil.

Ao lado de Fagner estarão outros grandes nomes da música popular como Bethânia, Gonzaguinha, Elis Regina, Clara Nunes, Joana, Djavan, Toquinho e Vinicius, Francis Hime, Dominginhos e os novos Angela Rô-Rô, Denise Emmer, Fábio Jr e o sempre persistente Tim Maia.

Ouvidos diariamente por um mercado avaliado, por baixo, em mais de 20 milhões de pessoas, é certo que qualquer gravadora quer ter o seu artista em uma trilha de novela, mesmo cedendo seus fonogramas para a Som Livre. E as fofocas que antecedem a escolha e o lançamento das trilhas são grandes — só que ninguém fala. Uma delas diz que **Noturno** virou a abertura da novela (mercado que toda gravadora quer) por insistência de Janete Clair, que gosta muito de Fagner. Isso contrariando a vontade de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, que não partilha do mesmo gosto da autora. Fofocas à parte, o certo é que Fagner (que se encontra descansando em sua terra, no Ceará) deixou de aparecer nos últimos dias na abertura da novela, substituído pelos temas dos personagens como **Ponto de Interrogação** (Gonzaguinha) e **Momentos** (Joana), que são de Alberto Karany (Walmor Chagas) e Vivian Ribas (Vera Fischer). Mas a Globo garante que deixou de aparecer nestes dias para não desgastar a composição e para já ir fixando também as outras músicas da novela.

Se é desgastante para o autor ou o cantor a presença diária no vídeo a resposta é **não**, porque o faturamento se sobrepõe a qualquer eventual desgaste. Para a compositora e cantora Joana, que aparece pela primeira vez no chamado horário nobre da televisão, depois de ter músicas em duas novelas das seis horas — **A Sucessora** e **Olhai os Lírios do Campo** — o perigo do desgaste não existe, “apenas reafirma o sucesso, pois normalmente a música usada na novela já é sucesso”. Ela acha que não há desgaste e, a nível de divulgação, pode representar muito. Seu produtor Arthur Laranjeira tem a mesma posição e declara que, “quando a música é realmente boa nem interessa se está na novela ou não, pois sobrevive ao desgaste. Agora, se é uma música de má qualidade, em uma semana você já não agüenta ouvir, embora ajude a vencer. De qualquer maneira, a qualidade supera o desgaste”.

Para a seleção da chamada trilha nacional (a internacional é escolhida diretamente pelo diretor da Som Livre, João Araujo) há uma equipe de pesquisadores musicais coordenados por Guto Graça Melo. Um dos pesquisadores, Arnaldo Schneider, desde 1934 dentro do mundo fonográfico, afirmou que ouve mais de 30 composições, sucessos em sua maioria.

— Leio a sinopse da novela e pesquiso as músicas que tenham a ver com os personagens, com seus climas. As próprias gravadoras se interessam em mandar as novidades dos seus contratados. Uma trilha comporta normalmente de 12 a 14 composições, mas a seleção inicial pode chegar a 30 músicas. Depois, nos reunimos com o Guto, o diretor da novela, o autor, o maestro, para ver que música pode combinar com cada personagem. O autor sugere, claro. Afinal das contas ele é quem escreveu. Procuramos sempre fazer a trilha com artistas famosos, de nome, pois facilita a venda do LP. Ao mesmo tempo, colocamos cantores desconhecidos como um Gilliard, um Gilson. Mas, é claro, é mais fácil vendermos com Gil, Bethânia, Elis.

A trilha internacional aparece somente na metade da novela e, talvez por estar acostumado a consumir mais a música estrangeiras, a venda é superior à nacional. A única exceção ficou com a trilha da novela de Mário Prata — **Estúpido Cupido** — quando mais de um milhão de discos foram vendidos tendo por base a música título cantada por Cely Campelo, que embalou a década de 50.

Nota Maior

"CONTINENTAL" SELVA: UM ESTÍMULO À IMAGINAÇÃO INFANTIL

Vivendo entre o cinza dos edifícios, o asfalto e a poluição visual dos luminosos e "out-doors" das grandes cidades, a criança dos dias de hoje encontra-se ilhada, sem nenhum contato com a natureza.

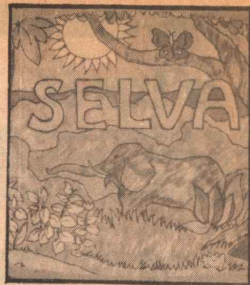
É exatamente preocupado com isso, que o selo DISQUINHO, seguindo as orientações de psicólogos e pedagogos, lança agora o primeiro disco da nova série "SONS", intitulado "SELVA". Na realidade, "SELVA" visa estimular e respeitar a criança, oferecendo novas formas para despertar sua criatividade. através de uma incursão inteligente, alegre e cheia de suspense, pelos caminhos da imaginação! Como o próprio título sugere, "SELVA" nada mais é do que um convite diferente para o exercício da mente infantil, criado a partir da compilação de efeitos sonoros, montados sobre um roteiro que apresenta as peripécias de um garoto numa mata. E o resultado, é uma imensa variedade de efeitos que lembram elefantes, panteras, leões e macacos, intercalados com sons de riachos, pássaros e batuques de tribos selvagens, criando todo um clima de suspense e aventura.

"SOM LIVRE"

SIDNEY — SANTO MORALES

O compositor-arranjador e produtor Sidney SANTO MORALES está lançando seu segundo LP individual pela Som Livre intitulado Boleros com Amor 2.

Agora que a música romântica o samba-canção retomam seu espaço na música popular brasileira, o bolero também não poderia deixar de entrar em cena e ocupar um lugar que tradicionalmente lhe cabe dentro do gênero romântico. E assim o samba-canção foi retomado por brilhantes intérpretes como Bethânia, Joana, Emílio Santiago, que lhes deram uma nova roupagem, novos arranjos, evolução melódica, o bolero é agora trabalhado por SANTO MORALES que através de suas excelentes qualidades de intérprete e arranjador, com uma orquestra moderna, acaba lotando as pistas de dança por onde faz seus shows. Cantar boleros para Sidney



é uma coisa a mais na sua carreira que começou há muito tempo e se diversificou na área musical, participando de conjuntos e grupos vocalistas como o famoso "Os 3 Morais" onde juntamente com seus irmãos Jane e Roberto cantavam desde música erudita até bossa nova se apresentando em programas musicais da época como o Fino da Bossa e o Show BO-64. Começou mesmo com Os 4 Amigos na TV. Tupi e ao mesmo tempo atuava como solista na Orquestra Zézinho — Luiz Arruda Paes, onde cantava sambas e boleros. Como cantor e violonista trabalhou ao lado de Tito Madi (seu grande amigo) Johnny Alf, Paulinho Nogueira, João Gilberto e Vinícius de Moraes, tendo participação ativa na Bossa Nova. Uma de suas composições "Além do céu" foi sucesso nacional. Como vocalista viajou o mundo todo com o conjunto Farrroupilha e quando este se desfez formou "Os 3 Morais" onde usava seu nome Sidney Morais. Na área da produção de discos fez os lançamentos de: Secos e Molhados, Silvio Brito, Grupo Capote, Belchior e outros.



MAGIA NEGRA

A MALDIÇÃO DE LIZ TAYLOR

Elizabeth Taylor, intérprete das mais famosas personagens já criadas no cinema, não pode ser considerada uma mulher feliz. Independentemente de seu sucesso na sétima arte, a atual senhora John Warner não tem muita sorte com a saúde, sendo um verdadeiro prato para as mais diferentes infecções e viroses.

Em 1955, por exemplo, Liz pegou a gripe asiática, que causou grandes sustos na equipe médica que a assistia. Quatro anos

Agência Angeli



Os problemas de saúde de Liz a impedem de retornar ao cinema.

mais tarde, ela sofreu uma paralisia pulmonar, que atingiu todo o sistema respiratório, novamente causando grande susto em seus médicos e nos amigos mais chegados, que até esperavam por sua morte.

No ano seguinte, 1960, uma pneumonia a obrigou a ficar em repouso absoluto durante quase um ano. Doze meses depois, uma infecção obrigou a equipe médica a realizar uma traqueotomia. Esta operação lhe causou uma cicatriz no pescoço, que provocou outra cirurgia: plástica. Mas ela se recusou e esconde a cicatriz com um colar.

Liz tem as doenças mais incríveis. Chegou a dar entrada no Washington Hospital Center com uma infecção nas glândulas salivares. Mais uma vez, um grande susto. O último problema foi uma queda de um cavalo, que lhe fraturou o joelho, impedindo seu retorno ao cinema, sonho há muito acalentado pela famosa atriz.

A consequência imediata disso tudo é que nenhum estúdio a deseja para suas próximas produções. Ela dá muito azar, dizem... (Agência Angeli)

Agência Angeli



MPB

DUARDO DUSEK

“O Nostradamus da tevê”

“Aí, Nostra!” O grito explodiu na rua, quando Duardo Dusek estava chegando em casa. Ele, naquela altura, já estava acostumado a ser chamado de O Nostradamus da TV. Desde que concorreu ao Festival MPB-80, da Rede Globo, tudo mudou na vida desse carioca, velho frequentador de botequins, cuja origem musical se encontra na música brasileira das décadas passadas, onde encontrou semelhança com o momento atual.

Profissionalmente, Duardo vive um bom momento. Preparando seu disco, trabalha, também, nos temas musicais das peças *Aqui se Faz, Aqui se Paga, Dzi-Virta-se* e *Os Sete Pecados Capitais*. O mais importante em sua obra, entretanto, é que encoberta por uma “saúdável loucura” se esconde uma preocupação com a realidade. (Beni Przechacki)



De gibão, chapéu de congacelro e tudo, em plena Ilha do Governador, Rio, ele passa de cantor para contador. A sanfona é só para fazer o clima. O resto deixa com o

LUÍZ GONZAGA

SENSACIONAL

Se alguém não disse, eu digo: "Música está no sangue." (Aliás, é como escrever: ou é fácil ou é impossível.) E como a *crase* não foi feita pra humilhar ninguém, foi preciso levar *um lero* com Luiz Gonzaga, o *Gonzagão*, rei do baião, filho de mestre Januário, o da de oito baixos, pai de Luiz Gonzaga Júnior, o *Gonzaguinha*, aquele que explode corações. (Estão vendo como música está no sangue?) Pois tudo acontece na vida — como diz a velha canção. Aconteceu esta conversa, amena e amiga, num apartamento/casa da Ilha do Governador, Rio de Janeiro, Brasil. Logo à entrada a gente leva um susto, mas, depois, sobe, sobe, sobe, e antes do céu entende tudo. Lá mora um deus. Dá vontade de perguntar: "Por acaso és deus?"

● Olhe, menino, não é por estar em minha presença, não, mas eu sou meio chegado a uma história, sabe. Acho mesmo que sou mais um contador de história do que cantor... minhas canções, os temas desenvolvidos, os maiores sucessos, são gênero história, mesmo, verdadeiras e inventadas...

... *Asa Branca*, por exemplo, é verdadeira ou inventada? É história do povo, quer dizer, folclore autêntico, sendo que o tema partiu lá de mim, quando eu era moleque... é uma música tão simples, a melodia dela só tem cinco notas... por isso que os maestros gostam de fazer arranjos, porque tem espaço à vontade pra eles vadiarem ali, sabe, eles sempre inventam um acorde, uma coisinha pra colocar ali... porque



Personagem predileto pra qualquer fotógrafo. Cada palavra, uma cara.

a música que se faz hoje, essas músicas modernas, os arranjos já vêm de uma maneira tal, tudo preenchido, que não deixa margem pra quase nada... as músicas de Tom Jobim, veja você, já vêm com os arranjos incluídos, as músicas de Gonzaguinha já vêm cheias de arranjos próprios...

... por falar em *Gonzaguinha*: o que é que você acha dele? Acho muito. É meu filho, cada vez que eu procuro, acho ele... (GARGALHADA)... nós temos muita afinidade... musical... aquela do berço, aquela do lar, aquela natural... agora, artisticamente, há um respeito mútuo: eu admiro o trabalho dele, ele admira o meu... ele me admira como pai e eu

admiro ele como filho... porque ele é um rapaz sério, um rapaz que tem virtudes excepcionais, que faz o que faz com muita inteligência, carinho e decisão. E faz mesmo, realiza.

Mas a música dele não tem nada a ver com a sua.

Se você procurar, acha. De repente, você encontra o velho lá dentro.

Que velho: você ou seu pai?

O velho *Lua* aqui. O Gonzagão. Meu pai, a base. Foi atrás dele que acompanhando nos forrós dos pé-de-serra da nossa terra...

... o que é pé-de-serra?

Todo pé-de-serra é fértil, tanto como solo, como subsolo e como lugar de morada. Então todo sertanejo procura um pé-de-serra, porque ali tem um frescor especial. As chuvas, ao lavarem as montanhas, se espalham pelos pé-de-serra e a terra fica mais fértil. Tanto que quase todo pé-de-serra tem dono. E eu nasci e me criei no pé-de-serra do Araripe, onde o forró comia solto, as danças, as festas, da padroeira, as festas de entronização do Coração de Jesus, as festas de renovação do Coração de Jesus, são as prediletas do sertanejo.

Mas lá tem muita gente matando muita gente, né?

Isso é verdade. Mas aqui no Rio de Janeiro é realmente onde se mata mais gente, né?

Atualmente.

Sempre foi. A Baixada Fluminense táf...

... pra não deixar você mentir...

... é onde se mata mais gente, no Brasil. Lá se mata até planejado, se mata oficialmente. Não vê o tal de *Mão Branca*? Na serra, não; lá se mata, mas honestamente... sinceramente... (GARGALHADA)...

... mata a cobra e mostra o pau...

... honestamente... e a política é que leva a culpa... dizem que a morte foi por política...

... mas você estava falando no Tom Jobim...

... sim... as músicas dele já vêm tão arrumadas, com harmonia, com tudo dentro, que a gente não tem brecha...

(ENTRA DONA HELENA, A MULHER, COM UMA GARRAFA DE SCOTCH, GELO E COPOS)

... tá começando a melhorar a situação, você bebe?

Hoje não.

"Acho mesmo que sou mais um contador de histórias do que cantor"

LUIZ GONZAGA

Por que bebeu muito ontem?

É que quando estou em casa não bebo. Por que aqui tem tanta bebida que se eu me der o luxo de beber, não faço outra coisa... agora, quando aparece uns bestas como vocês, eu empurro uísque... e é do bom...

... pois eu não tenho bebida em casa exatamente pra não beber.

Pois eu vou dar uma sugestão: você deve procurar beber sempre na casa dos outros... econômico demais!... (GARGALHADA)... agora, eu gosto de beber quando estou alegre...

... você já teve uma tristeza muito grande? Quem é que não teve?

Uma, em especial.

Olhe. A última grande tristeza que tive foi com Humberto Teixeira, o desaparecimento dele... ali foi muito forte, e continua... mas antes de Humberto Teixeira, perdi meu pai... ai que foi de lascar, viu... foi há dois anos... com quantos anos?

Com 90.

Você está com...

...com 68.

E ele morreu lá no pé-da-serra?

Eu agarrado nele.

Você viaja mais do que o Papa, né?

O Papa viajou 12 dias pelo Brasil. Eu viajo desde 1930.

Amanhã, por exemplo, você está aonde?

Numa cidade chamada Naviraí.

Consta do mapa?

É pra lá de Dourados. Mato Grosso.

Do Sul.

É.

Depois de amanhã.

Volto pra São Paulo. Segunda toco por Nordeste. Semana que entra vou cantar em Conceição do Araguaia...

...no Pará, isso?

Goia's, rapaz! Você é mesmo ruim de Geografia, hein? O rio Araguaia vai despejar no Tocantins...

...você te contar: eu só conheço Rio, São Paulo, Ouro Preto e a Grécia.

Grécia? Você está esnobando... (GARGALHADA)... você conhece França, Oropa e Bahia!

E o Vinicius, você não era amigo dele, não?

Olhe... nunca vi Vinicius, nem de perto...

nem de perto... porque eu não sou um artista muito arraigado a Rio de Janeiro, né, eu vivo aqui, mas não convivo com esses astros... vi Roberto Carlos uma vez, de perto... a gente tava trabalhando num programa, juntos...

(ENTRA OUTRA VEZ DONA HELENA, QUE ESTAVA NA PARTE DE BAIXO VENDENDO A TV-TUPI SAIR DO AR. ELA TRAZ UM DESSES TELEFONES MODERNOS, SEM FIO SEM NADA, OU SEJA, A PRÓPRIA NEGAÇÃO DE QUALQUER PÉ-DE-SERRA, PRINCIPALMENTE QUANDO QUEM FALA NELE É UM SERTANEJO BRASILEIRO TÍPICO, DE GIBÃO, CHAPÉU DE CANGACEIRO E TUDO, PRA FOTOGRAFIA)

...ô Bel, os cabra tão dizendo aqui que Conceição do Araguaia é no Pará... quequeisso... (GARGALHADA)... qual é o caminho... Brasília... quer ver como não é... Conceição do Araguaia é perto de Araguaiana, indo por aqui... quequia... (GARGALHADA)... seu mapa sou eu, rapaz... olhe, aquele negócio de Minas tá confirmado, tá fechado?... sei, sei... não, lá em Montes Claros tem um jato lá... quem foi que disse... de Curvelo a Montes Claros são 80 quilômetros... mas olhe, você tá com meu negócio aí? Como é que eu vou apanhar, que tou precisando... é... é, né... acho que vou dar uma passadinha aí... quer dizer

que amanhã tenho de estar no Galeão às seis e meia da manhã... tá bom... tá bom... até amanhã, um abraço...

(DESLIGA O TELEFONE)

...prosseguindo... ou terminou?

Terminou o quê?

O papo.

Mal tá começando, meu cumpadi.

Então vamos nós.

Me diga uma coisa. Pelo jeito você está rico, não está?

Rico? Olhe, conheço muito cara rico que não dá bola pra riqueza. Não botam banca de rico. Pedem dinheiro à esposa, ela diz que não tem, e tem... e tem muito pilantra por aí que não tem um pau pra bater num cachorro e faz pose de rico... então, que diabo é riqueza?

Sei lá... eu sou pobre, pobre, pobre, de marré, marré, marré...

...riqueza pra mim é um cidadão chamado João Paulo II, que chegou aqui e distribuiu riqueza pra todo mundo... esse é um homem rico... uma riqueza maravilhosa...

...você é muito religioso?

Sou não. Mas gosto de homem que presta pro povo.

Você vai à missa e tal?

Não. Mas já estou organizando aqui com minha mulher, pra gente dar mais atenção à igreja... acho que um cara sem uma religião, sem uma seita até, é um cara vazio... agora, tudo que é falso, vazio, que engana o povo, eu não gosto...

...e o baião do Papa?

Uma beleza. Eu só me acanho, fico assim meio constrangido, é de ter feito um baião comercial...

... dá uma cantadinha aí.

De longe vieste/pra estar no Nordeste/no meu Ceará/teu gesto tão nobre/no rico e no pobre/não se apagará/da fé peregrino/ao pastor divino/vieste adorador/trazendo ao seu povo/ fervor todo novo/pra Deus mais amar/João Paulo Segundo/de Deus grande graça/o povo te abraça/e em ti vé Jesus/feliz te agradece/por visitares/e a Cristo adorares/na terra da luz/há séculos sofrendo/rigor mais tremendo/de um clima feroz/o povo suporta/a fé nos conforta/Deus luta por nós... foi gravado num selo comercial, mas tá vendendo tanto que estou até com vergonha, dando impressão até de que eu estou explorando o Papa... mas eu procurei o Papa com as mãos ocupadas, cheias... gravei, por um hábito que tenho de documentar as coisas através do disco... sou quem sou através do disco... tanto que vou comemorar agora 40 anos de RCA...

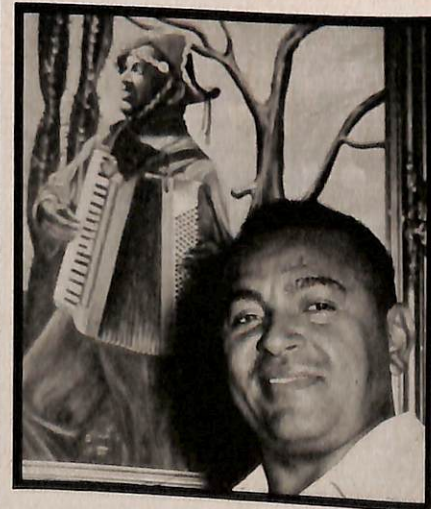
... você deve ao disco e ao rádio, né, Rádio Nacional, aquelas coisas...

... mas depois o rádio mudou, o rádio hoje tá em cores... mesmo assim, no tempo da Rádio Nacional, fui boicotado: quando fui lançar o chapéu de couro, esse aqui, teve dedinho em riste, balançando, aqui não, aqui não pode comentar cangaço... e minha idéia era dar uma característica... porque todos os cantores regionais, em todos os países do mundo, têm sua característica em termos de roupa... o carioca, naquela época, era conhecido como o malandro da camisa listrada, o gaúcho com sua bombacha, os caipiras de chapéu de palha, e o Nordeste não tinha... e eu que tinha sido fã, macaco mesmo de Lampião, até apanhei por causa dele, sem nunca ter chegado perto dele... quando me tornei artista, tinha de ser a cabeça dele para exaltar o cangaço, com sua beleza e não com sua violência...

... mas você apanhou de Lampião ou por causa dele?

Um dia correu um boato, no nosso povoado, na nossa vila, na nossa beira de estrada que

“Cheguei perto do Papa e ele disse: obrigado, cantor! Ali recebi o pagamento de tudo que já fiz”



Lampião ia passar por ali, em busca de Juazeiro, a fim de tomar a bênção do Padre Ciço... isso em que época...

... eu devia ter uns 11 anos... década de 20, né, por aí... o ano que Lampião foi pra Juazeiro, todo mundo sabe disso...

... daí você ficou excitadíssimo...

... aí fiquei todo saliente e minha mãe disse que ninguém ia ficar em casa, que a gente ia se esconder pelos matos... todos os moradores daquela ribeira foram pros matos...

... que ribeira?

Da Fazenda Araripe, onde nasci... lá em Exu... daí Seu Irineu, Seu Raimundo Preto, o velho Jacó, Mãe Januária, Sinhá Maria Viúva, os moradores dali, todos foram. Eu fui, acompanhando minha família, mas protestando, bufando mesmo, porque eu queria ver o Lampião, era a chance que eu tinha de sentir o cheiro dele...

... você não tinha medo?

Nada, rapaz, eu era fã do homem... não podia ver o retrato dele no jornal, chamava logo a mãe: “Vem cá ver que homem bonito!” Ela: “Vem cá moleque safado.” Eu: “Dizem até que ele toca fole!” Todo mundo tinha medo, menos eu...

... daí...

... daí dormimos lá nos matos. No dia seguinte minha mãe passou assim os dedos nos cantos dos olhos, não tinha água pra lavar o rosto nem nada, eu olhando o jeito dela, e ela disse: “Será que Seu Irineu já voltou, será que Mãe Januária já voltou, Seu Raimundo Preto, quem é que tem coragem de ir até o Araripe pra ver se Lampião já passou?” Eu disse: “Eu!” E me toquei pro Araripe. Cheguei lá todo mundo tinha voltado. Nós, minha família, éramos os únicos que ainda estavam nos matos. Aí eu voltei com uma raiva da muleta,



Com Gonzaguinha (“De repente você encontra o velho lá dentro”) ou por esse mundão afora, sempre o cantor, de imensas gargalhadas, cara de lua cheia, dono da felicidade: aquela de estar em paz com ele mesmo.

cada família, tipo Romeu e Julieta, Capuletos e Montecchios...

... nem Deus, rapaz...

... muito menos Shakespeare...

(GARGALHADA)

... mas você não matou ninguém, né?

Não. Eu só mato de saudade. Porque inclusive de saudade eu sou um morto também. Meu povo tem saudade de mim, eu tenho saudade de minha terra... se vou pra Exu deixo saudade em casa... que minhas irmãs vieram pra cá, fizemos um terreiro aí no pé-da-serra de Petrópolis...

... sempre pé-de-serra...

... ali minhas irmãs rezam o mês de Maria inteirinho... às vezes eu nem posso assistir... tradição deixada por minha mãe... vinde espírito santo... (CANTAROLANDO)... mês de maio... minha mãe rezou, já herdou de minha avó... são três, quatro, cinco gerações rezando essa tradição do Nordeste...

... você reza?

Não. Participo.

Quem é mais religioso: você ou Lampião?

Hôme... acho que ele era mais religioso do que eu, porque cada vez que matava um rezava pela alma dele...

(GARGALHADA)

... e o Papa?

Olhe... acho que tudo que eu fiz até hoje em termos de música, sucesso, palco, baiano, xaxado, forró, xote, chamego, essas coisas que eu criei, parece que tudo isso foi feito para que eu concretizasse tudo isso no encontro com o Papa. Quando me aproximei do estádio... fui até acidentado: quando o portão se abriu um pouco para eu passar, o povo abriu tudo no peito, eu caí, com sanfona e tudo, e eles passaram por cima de mim, relei-me todo, como se costuma dizer por lá, mas cheguei inteiro na presença do Papa. E cantei. Acompanhado do meu irmão e colega, maestro Orlando Silveira, católico praticante, que se empolgou de uma maneira tal que eu senti o som do acordeão dele, diferente, naquele dia, soando cheio de alegria, de prazer, de bem-estar. O Papa de vez em quando acenava pra gente. Quando terminei de cantar Asa Branca, que dediquei à sua roupa branquinha, símbolo universal da paz, cheguei perto dele, beijeí sua mão, ele disse pra mim: “Obrigado, cantor.” Mas num português meio acapairado, gostoso, que parecia um paulista. Ali, então, recebi o pagamento de tudo isso que eu fiz!

Você olhou no olho dele?

Não. Olhei no rosto dele, a figura dele. Não havia necessidade de olhar no olho. Sua mensagem era de muita fé, muita confiança, muita esperança...

(ENTRA DONA HELENA, ANUNCIANDO QUE A TV-TUPI ACABARA DE SAIR DO AR)

... espero dias melhores, porque do jeito que estava, pior não podia ser, era um verdadeiro mundo-cão... depois, sabe, sem concorrência a coisa fica feia...

... mas a Globo só gosta de beleza.

Eu também pensava. Mas eles andam me chamando.

Então é porque você é bonito!

Dona Helena também acha. Quando eu chego tarde, procurando não fazer barulho nem nada, lá está ela, de mão na cintura: “Bomto, hein!”

(E DEPOIS DAS GARGALHADAS GERAIS, FOMOS TODOS OS PRESENTES PARA A MESA, ONDE NOS ESTAVAM NADA MENOS DO QUE 11 PERAVAM NADA MENOS DO QUE 11 PRATOS, UMA CASA NORDESTINA, COM CERTEZA)

... e ai no meio, essa coroa... não vai me dizer que você é fidalgo de Exu... a rapaziada da heráldica tem de ficar sabendo disso...

... aqui é a coroa do rei do baião, o que é que há? Pois eu não sou o rei? Que pergunta besta é essa?

(GARGALHADA)

E aquela briga toda lá em Exu?

E eu não tô lá no meio deles? Não há quem dê jeito naquilo, nem Deus!

O jeito é fazer um casamento de um homem e uma mulher — tem que ser tradicional, não pode ser um com um e uma com uma, não —

Zózimo

Preço especial

- O que mais excita no noticiário sobre o almoço de aniversário, semana passada, do General Ernesto Geisel, que juntou 36 amigos e antigos auxiliares no restaurante Rio's, é o preço pago por cada um dos comensais: Cr\$ 2 mil 500.
- Muito mais do que as mais altas parcelas (Cr\$ 1 mil 500) pagas por seus rega-bofes pelos membros da Confraria dos Gastrônomos depois que a entidade decidiu instituir democraticamente o regime da vaquinha.

A quatro

- Depois de anunciar que iria filiar-se ao PDS, o Sr Márcio Braga foi jantar com o Deputado Miro Teixeira.
- Os dois, com as respectivas mulheres, ocupavam sábado à noite uma das mesas mais olhadas do Nino-Barramares.
- Escolheram um ambiente meio-termo: nem muito exposto nem secreto.

Dono da Bola

- O maestro Henrique Morelenbaum, diretor do Municipal, não estava no teatro na noite da apresentação da Filarmonia de Israel.
 - Não foi convidado
- ***
- Embora, como diretor do teatro, ele não precisasse de ingresso para entrar, necessitava, entretanto, do bilhete, para sentar.
 - A frisa a que tem direito como diretor entrou no bolo geral, de vez que praticamente todos os lugares foram vendidos, e ele acabou ficando de fora.



A estilista Maria Roberto, já com sua nova coleção nas ruas

RODA-VIVA

- O maestro Zubin Mehta não deixou o Rio sem conhecer pelo menos um pouco da sua noite. Na sexta-feira, apareceu com um grupo para jantar no Hippopotamus.
- Respalçado pelo sucesso que foi a sonorização dos shows de artistas brasileiros em Angola, alguns deles em estádios capazes de receber mais de 20 mil pessoas, Chico Batera inaugurou hoje com uma grande festa as instalações de seu estúdio de gravação.
- Para jantar informalmente no sábado, reuniram um grupo de amigos Gilse e Mauro Campos.
- A bordo do Atrévida, ontem, pelos mares da baía, o diretor Bob Fosse.
- Depois de apresentá-la em São Paulo e antes de levá-la em tournée patrocinada pela Fundação Gulbenkian a vários países da Europa, José Zaragoza mostra no Rio sua exposição de desenhos eróticos, em setembro. Está, até, procurando um local suficientemente amplo, talvez uma casa, para fazê-lo.
- Passando o fim de semana no Rio Vera e Anacyr Ferreira de Abreu.
- A próxima edição do Concerto com as Estrelas, na quarta-feira, apresentará no Planetário da Gávea o Quarteto Jaffe.
- Está pronta e inaugurada a nova decoração toda em verde da residência do figurinista João Miranda, que conseguiu montar uma densa floresta em plena Rainha Elizabeth.
- Um grupo de jovens senhoras, entre as quais Gisela Amaral, Ionita Guinle, Kiki Garavaglia, Odile Marinho e Marta Garcia têm um encontro marcado hoje no Roxy-Roller às 15 horas. Vão receber lições de patins.
- Vibrando com o concerto da Filarmonia de Israel, cercada da família em seu imponente camarote, D Zoé Chagas Freitas.

Alegre disponibilidade

- Pelo que Philippe Junot fez e aprontou semana passada em Paris, aparecendo todas as noites num lugar diferente com uma companhia feminina diferente, até que demorou mais do que o esperado o anúncio oficial de sua separação da Princesa Caroline, feito ontem por Mônaco.
- Enquanto o Le 78 permaneceu no ar, Junot fez dele o seu ponto de encontro diário. Depois, com a casa fechada para as férias de verão, ele deslocou suas noitadas, passando a dividi-las entre o Castel e o Elysée Matignon.
- Por mais vazia que fique nesta época a noite parisiense, é impossível a uma pessoa como Philippe Junot aplicar-se no exercício da alegre disponibilidade sem que ninguém perceba.
- Até porque se há uma coisa com a qual ele não estava nem um pouco preocupado é a discrição.

□ □ □

- Está aí mesmo Ricardo Amaral, que passou a semana passada inteira em Paris e encontrou-se várias vezes com Junot, para não deixar ninguém mentir.

□ □ □

Mais um

- Quando setembro chegar, a gasolina sofrerá um novo aumento indo para cerca de Cr\$ 42.

- Ainda sobre combustível, nem os sucessivos aumentos fizeram o Governo desistir de promover seu racionamento.
- O problema é encontrar a fórmula ideal, já que os sistemas até hoje cogitados se mostraram ineficazes ou inexequíveis.
- Uma nova idéia, ainda em estudo, seria limitar as quotas de distribuição de combustível não aos carros mas aos postos. Assim, cada posto receberia uma quota fixa e a venderia como quisesse, para os primeiros que chegassem, até acabar.
- Quem acordasse mais cedo e chegasse antes ao posto rodava de carro; quem dormisse mais, andava a pé.

□ □ □

ATÉ EM LONDRES

- A imprensa britânica não deixou passar sem registro a morte do poeta Vinicius de Moraes.
- Aliás, um senhor registro, feito em duas alentadas colunas pelo The Times, que publica uma biografia do poeta sublinhando sua posição como uma das forças intelectuais do Brasil e sua condição de adversário permanente e feroz da Censura.
- Como título, assim mesmo, em português: Senhor Vinicius de Moraes.

□ □ □

Sanduíches

- Informa o The Economist que a cadeia de lanchonetes Mac Donald's vendeu ano passado no mundo inteiro 35 bilhões de sanduíches.
- Calculando a 1 dólar e fração cada sanduíche, esse movimento se aproxima bastante da dívida externa total do Brasil.

- Isso é que é negócio.

□ □ □

O novo Santos

- Pelo que se deduz de suas últimas apresentações, o Flamengo é o novo Santos do futebol brasileiro.



O jogador Zico, a salvação do Flamengo, e Sra na pista do Régine's

- Não porque tenha em qualquer época alcançado a perfeição do esquadrao alvi-negro bicampeão mundial, que deslumbrou o Brasil e o mundo ao longo da década de 60, mas porque é time dependente de um único jogador.
- Assim como a presença ou ausência de Pelé regulava o sucesso e o insucesso do Santos, o Flamengo sem Zico mostra ser um time absolutamente vulnerável e indefeso.

'CARETAS'

Feroz ou suave, uma crítica de que ninguém está a salvo



Nelson Rodrigues, por Chico Caruso

A revalorização da caricatura como arte gráfica — essa é a proposta de "Caretas", uma exposição de caricaturas de Luis Trimano, Cássio Loredano, Chico Caruso, Fafs e Jane Peters, que será inaugurada hoje, às 19 h, na Galeria Estampa (rua Visconde de Pirajá, 82, loja 105). Os cinco caricaturistas se reuniram a partir da sugestão de Trimano, que idealizou a mostra como uma tentativa de desfazer os preconceitos dos que consideram a caricatura uma curiosidade que interessa apenas ao caricaturado. Artistas representativos de uma nova geração de caricaturistas, eles acreditam, contudo, que seu trabalho é muito mais que o desenho, crítico, de personalidades. Para Jane e Fafs, a caricatura vai além de distorcer os traços fisionômicos de uma pessoa, ou de simplesmente retratá-los; para Chico Caruso, é "uma das mais criativas expressões artísticas da arte sobre papel".

Hemingway, visto por Trimano.



Alejo Carpentier, de Cássio Loredano



Trimano, Chico Caruso, Jane e Fafs aguardam osos (Loredano está na Alemanha) a repercussão da coletiva de que participam. A partir da receptividade aos trabalhos expostos, eles poderão melhor avaliar as possibilidades atuais da caricatura como arte gráfica.

— Não temos idéia do mercado para o nosso trabalho, além do trabalho em jornais e revistas — diz Chico. — Estamos, através de "Caretas", apostando no valor daquilo que fazemos como arte. Se tivermos sucesso, pretendemos ampliar a intenção inicial, promovendo mais exposições ou até, quem sabe, organizando uma revista só de caricaturas.

A desvalorização da caricatura, segundo Fafs, começou nos anos 60, quando o desenho de humor estava evoluindo para o cartum e para as charges. A não ser pela presença de Alvarus e Lan, a arte da caricatura parecia, como diz Jaguar, ao apresentar a exposição, "destinada a um museu, como uma múmia". A reação começou em 1968, quando o argentino Trimano,

recém-chegado ao Brasil, começava a publicar suas ilustrações na revista "Veja". Superando as acusações de que deformava demais as personalidades, ou que não se mantinha fiel ao obrigatório relato jornalístico, ele não desanimou e disseminou seu trabalho por toda a imprensa.

No jornal "Opinião", em 1972, Cássio Loredano compensou a impossibilidade de utilizar fotos na publicação fazendo caricaturas que, pela alta qualidade do desenho, chegavam a substituir os textos cortados do semanário. Já Chico Caruso se projetou, a partir de 1974, quando começou a colaborar com suas ilustrações para diversas publicações.

Uma de suas mais marcantes características é a eloquente mudança de suas charges. Fafs e Jane são considerados os mais novos adeptos da caricatura artística: Fafs, sintetizando comentário crítico e análise psicológica de seus modelos, e Jane, trazendo um trabalho mais descritivo e suave.

No momento em que já existe um grupo de artistas preocupados em valorizar a caricatu-

ra, a maior preocupação é acabar com os preconceitos daqueles que a vêem como uma curiosidade:

— Há pessoas que pensam que uma caricatura só tem a chance de ser comprada por aquele ou aquela que foi retratado — comenta Chico.

A raiz de todos os preconceitos contra a caricatura, na opinião de Fafs, está ligada às limitações do próprio desenho, como expressão artística. Para muitos, diz ele, um desenho não passa de um esboço de um trabalho artístico mais elaborado:

— Isso quer dizer que, para o desenhista, em relação aos jornalistas, redatores, as dificuldades começam primeiro, porque o desenho sempre é visto como trabalho menor. Daí, os problemas que nós temos para convencer editores da importância de se utilizar caricaturas ou ilustrações numa matéria.

Jane acrescenta:

— A caricatura faz mais pelo texto que o registro puro e simples da informação. Sua linguagem própria sintetiza a opinião do artista sobre a pessoa ou assunto que motivou o texto.

Entre os 30 trabalhos expostos em "Caretas", estão as caricaturas de Ferreira Gullar, Milton Nascimento, Hemingway, Mercedes Sousa, Bob Dylan, Nise da Silveira, Sebastião Nery, Nelson Rodrigues, o Papa João Paulo II, João Antônio, Antônio Houaiss, Millor Fernandes, Zico, Salvador Dalí, Vinicius de Moraes, Cartola e Belchior. O preço das caricaturas é de Cr\$ 4.500.

Além das personalidades que inspiraram os caricaturistas, Chico Caruso e Luis Trimano retrataram-se um ao outro para a exposição e, segundo Jane apesar de serem humorados, não acharam muito parecidos, na visão crítica do colega.

— Isso desmistifica a tradição explica ela — de que só mulher reclama que não fica bem nas caricaturas, que realçam seus traços menos favoráveis. Ninguém, nem o próprio caricaturista, está livre da crítica da arte que pratica.